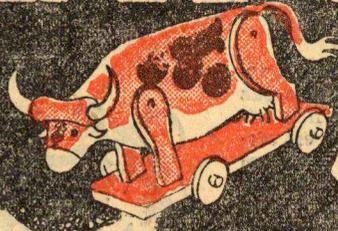


# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV

N.º 681



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**  
ALCANTARA

## Carnaval

### ADIVINHA

Leitores do «Pim-Pam-Pum»  
adivinhem lá quem são,  
indicando-os um por um,  
os mascarados que estão  
nesta página primeira?

Na próxima quinta-feira  
daremos a solução.



P. PINTO

# SEIS POLICIAS DE PALMO E MEIO

Por AGOSTINHO DOMINGUES

O bairro da Bonança, assim conhecido pela paz e calma que nele reinavam, passou, em certa altura, a viver em sobresalto, a não dormir descansado, nestas noites chuvosas e frias de inverno, em que tanto custa deitar um pé fóra da cama. Que se passara, para que de tão invejável tranqüilidade houvesse passado à inquietação, ao desassossego, o bairro da Bonança?

Simplemente isto: Os gatunos resolveram não deixar nos enxugadoiros uma peça de roupa que valesse um centavo; nas capoeiras, um frango ao qual começasse a luzir a crista; e nas despensas mais acessíveis, virtualha de jeito.

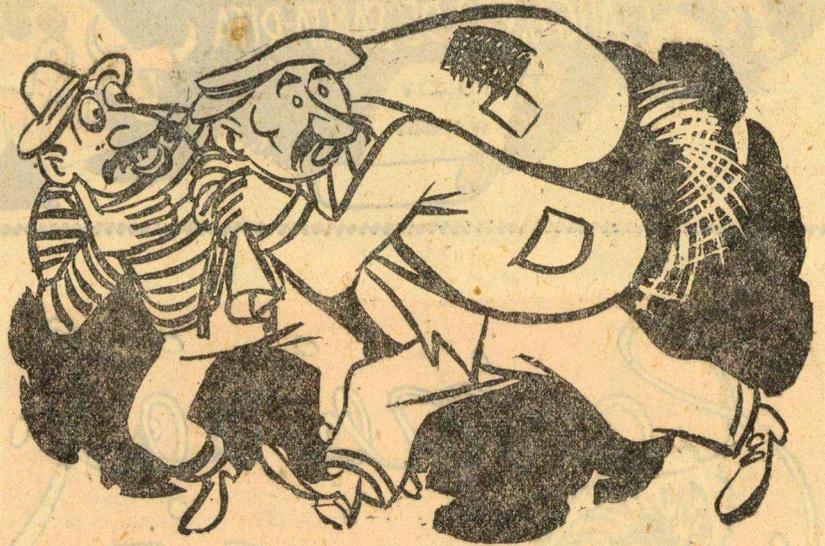
Compreendia-se, portanto, o alarme do mulherio do bairro, que não tinha coragem para enfrentar os atrevidos larápios, nem sequer para gritar quando os presentia.

O único cão que ali existia, bem soltava, à porta da sua casota, vibrantes mas impotentes latidos: —«ão, ão, ão! ... béu-béu-béu... rrrre... béu-béu!»

Não havia quem ousasse, sequer, lobrigar, da janela ou pelo buraco da fechadura, o que se passava.

Bem podiam os galináceos lançar os seus mais aflitivos corócócos, que ninguém lhes acudia. É que, para maior sorte dos assaltantes, os homens daquele bairro trabalhavam de noite. Por isso os gatunos, seguros da impunidade, redobravam de audácia e chegaram, na última noite, a penetrar nos aposentos duma pobre velha que amordaçaram, revolvendo, em seguida, gavetas e arcas.

Foi ao saberem desta proeza que seis rapazitos do bairro, de idades



entre os dez e os catorze anos, resolveram acabar com tão grande pouca vergonha.

—«Isto não pode continuar!» exclamou Fernando Duarte, o mais decidido.

—«Tens razão. É um desafêro! Eu já não posso vêr chorar mais a minha mãe, que ficou sem roupa para eu vestir» — respondeu António Dionísio.

—«Mas que fazer? Não há polícia e nossos pais não estão, de noite, em casa...» — perguntou Mário Canas, indeciso.

—«Que fazer? Vamos nós acabar com isto — retorquiu, pronta e enérgicamente, Pedro Rodrigues. — Ou bem que somos homens ou bem que não somos...»

—«Pois claro. Até era uma vergo-

nha se não defendêssemos as nossas mães, as nossas casas e os nossos irmãos mais novos, contra êsses malandros que, por não estarem cá os nossos pais, fazem de conta que não está ninguém.»

Isto foi dito por Manuel Azinheiro, em tom tão convicto que o próprio Chico Viegas, o mais novo e tímido dos seis, não ousou continuar a lamuriar o seu medo de pistolas a sério e de outras coisas com que os gatunos podiam fazer-lhes mal.

—«Então, combinado, não é verdade? Esta noite vamos acabar com isto.» — concluiu Fernando Duarte.

—«Combinado!» — exclamaram todos.

Os seis amiguinhos discutiram depois, demoradamente, o plano de ata-



# O CULTO DA VERDADE

POR MARIANA CARRETO GOMES

**J**AIME e Manuel eram dois rapazitos do 3.º ano do Liceu. Manuel, embora mais novo 1 ano que o Jaime, conseguira, sem grande esforço, igualá-lo em todas as boas notas dos estudos. Jaime, de 13 anos, era um destes meninos que, sem deixar de serem inteligentes, têm um grande defeito: — a falta de capricho.

Estudava o nosso Jaime mas sem aquêlê interêsse pelo estudo, que às vezes faz milagres para um bom aproveitamento; não cuidava de corrigir os defeitos que, como todos os meninos, até mesmo os muito bons, possuem... Manuel era diferente! Consagrava um culto especial pelas boas qualidades,

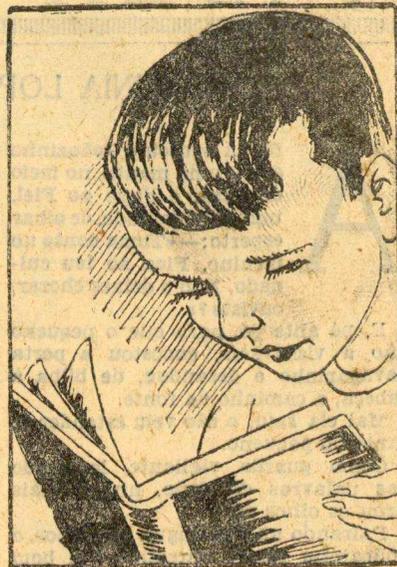
corrigindo todos os defeitos que os superiores lhe apontavam, e até alguns que êle reconhecia. Mas, a-pesar desta diferença de temperamentos, Jaime e Manuel eram dois bons amigos.

Os professores estimavam ambos, mas principalmente o Manuel.

Um dia, voltavam êles do liceu, alegres, aproveitando bem a liberdade, quando surge, na rua, um pobre mendigo que, acercando-se dêles, lhes diz:

— «Meninos, sou de muito longe! Não tenho trabalho; falta-me o pão para matar a fome! Se me ensinasse uma casa de boa gente, que me pudesse socorrer!...»

Os dois rapazes olharam-se. Manuel ia começar a falar, quando Jaime, puxando-o por um braço, lhe diz: — «Anda daí! Já agora levamos o resto da tarde divertida!... Ele que vá mendigar!» e, rindo-se do pobrezinho, levou consigo o Manuel. Entretanto, não ia êste tão alegre como parecia!



A pureza da sua alminha era tocada pela opressão do remorso.

No dia seguinte, o professor, visivelmente contrariado, chamou o Jaime e disse-lhe: — «Fui informado duma feia acção que tu e o Manuel praticaram. É preciso que me expliques tudo.»

Jaime negou; barafustou, afirmando sempre que com êle nada de anormal se havia passado. O professor chamou, então, o Manuel, e fez-lhe as mesmas perguntas. Este, ruborizando-se, exclamou:

«É verdade, senhor professor! Ontem não protejemos um desgraçado que só merecia o nosso amparo!... É verdade!... Rimo-nos dêle!...»

O professor, então, fixou o Jaime e admoestou-o: — «A lição que o Manuel acaba de dar-te é suficiente para te envergonhâres de ti mesmo. Depois de teres, ontem, sido grosseiro, hoje mentiste! Ao passo que o Manuel, para não faltar à verdade, não se importou de se acusar a si próprio!»

\* \* \*

*Meninos:* — Peço-vos, ardentemente, que respeiteis sempre a verdade, até mesmo quando, para a dizerdes, tenhais de vos culpar e de assumir tôda a responsabilidade.



que aos gatunos, fizeram mesmo os exercícios indispensáveis à sua boa execução e despediram-se com o juramento de que nenhum faltaria no seu posto de vigilância, às 11 horas da noite.

De facto, todos cumpriram. Quando na torre da igreja soaram, pausadamente, as onze badaladas, já os nossos intrépidos rapazes, tendo saltado das camas e aberto as portas sem ruído, (se o fizeram, as mães, com medo e julgando serem gatunos, nada disseram), se encontravam nos seus esconderijos.

Os larápios também não tardaram.

Sorrateiramente, ôlho aqui, ôlho acolá, entraram no bairro da Bonança, cada um com seu saco. A certa altura, pararam e cochicharam qualquer coisa um ao outro. Depois, um saltou o muro mais próximo, o do quintal do Manuel Azinheiro, e ouvia-se já o cacarejar das galinhas que êle estava a roubar, quando Pedro Rodrigues, que estava perto e vira tudo, metendo em forma de V os dedos indicadores na bôca, soltou um assobio estridente.

O ladrão, que ficara de vigilância na rua, não esperou por mais nada. Lar-

gou numa correria doida, para não mais ser visto.

O outro, menos afortunado, saltando o muro para a rua, com um saco de galinhas às costas, foi perseguido, de perto, pelos rapazes que, num alarido medonho, disparavam constantemente as suas pistolas de quinze tostões, com fulminantes de três tostões a caixa.

— «Agarra, que é ladrão! Pim, pum, pum!...»

— «Agarra, que é ladrão! Pim-pam-pum!»

E o ladrão corria, de rua em rua,

(Continua na página 6)

# A IDÉA DO FIEL

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



**A**RITA sentou o Joãozinho sobre uma manta, no meio da casa, e disse ao Fiel, um cão gadelhudo, de olhar esperto: — «Toma conta no menino. Fica ao teu cuidado. Não o deixes chorar, ouviste?»

E, pé ante pé, para que o pequeno não a visse sair, encostou a porta devagarinho e desandou, de bilha à cabeça, a caminho da fonte.

Mal ela saiu, o cão veio estender-se junto do pequeno.

Como guarda vigilante, lembrado das palavras do dono, nunca mais tirou os olhos d'ele.

Palrando na sua língua de trapos, o Joãozinho esteve entretido um bom pedaço, a observar as galinhas que, espalhadas pela casa, depenicavam aqui e acolá.

Mas, de repente, o petiz olhou em volta, não viu a mãe...

Fez uma carantonha muito feia e desatou a chorar.

Empurrou a porta que ficara entreaberta, atravessou a viela e embrenhou-se no campo fronteiro à casa.

O berreiro do petiz recrudescceu... Até as galinhas, assarapantadas, se refugiaram a um canto, parece que censurando o procedimento do Fiel que assim abandonara o menino.

Mas, daí a bocado, o cão voltou.

Trazia qualquer coisa na boca... Com mil cuidados, deixou-a cair na manta, onde o Joãozinho estava sentado.

Essa coisa atraíu a atenção do pequeno.

Sacudido pelos soluços, observou-a, curioso.

Quando dessa cousa saiu a cabeça dum bicho, estendendo os pauzinhos... e desatando a andar, então o petiz parou o seu choro e, ainda entre lágrimas, desatou a rir.

O caracol, porque era um caracol o brinquedo vivo que a imaginação do Fiel se lembrara para divertir o me-

mão sapuda para lhe pegar, mas o bicharoco meteu-se na casca... A mãozinha recuou e, assim, ora aparecendo, ora desaparecendo, o bicho foi o divertimento do Joãozinho todo o resto da tarde.

De longe, o Fiel vigiava aquela cena... As galinhas voltaram à sua faina, depenicando aqui e acolá...

Ao chegar, a Rita encontrou tudo muito sossegado.

Depois de beijar o Joãozinho, fez uma festa ao Fiel, como agradecendo-lhe o cuidado que tivera com o filho e disse-lhe:

— «Em ti, tenho eu confiança amigo!»

Razão tinha ela!

Agora, sempre que sai, encontra um ou dois caracóis, a passearem em frente do Joãozinho.

A-pesar-de intrigada com o caso, não os deita fóra, porque o pequeno desata logo aos berros.

Já se vê que é o Fiel que vai buscar o brinquedo favorito do menino. Dessa



Logo, o Fiel veio roçar-se por ele, como dizendo-lhe: — «Amiguinho, eu estou aqui. Não te aflijas! Não deixo que te suceda nenhum mal.»

Sempre choramingando, o pequeno puxou-lhe pelas orelhas, mas o seu desgosto continuava.

Quería a mãe, à viva força e, abrindo as goelas, nunca mais se calou.

Berrava como um possesso, com grossas lágrimas a caírem-lhe pelas bochechas rechonchudas.

O Fiel olhava-o, desolado.

Que diria a dona se visse o seu menino, a chorar daquela maneira?... E sentia-se culpado... A sua obrigação era distraír o Joãozinho, assim a Rita lhe recomendara...

Então, teve uma idéa repentina.

nino, ia avançando a rastejar pela manta.

Sempre rindo, a criança avançou a

maneira o conserva bem disposto, horas a fio, até que a mãe volte para casa.

## Concursos «Relâmpago»

Na última reunião do Júri, foi deliberado classificar com menções honrosas o conto que publicámos no nosso número anterior, intitulado: — «Carta para o Céu» — da autoria de Luiza Maria Albino e os que hoje inserimos, intitulado: — «O Culto da Verdade» e «Quem muito fala» subscritos respectivamente por Mariana de Jesus Carreto Gomes — (Resignada) — e Maria Adelaide Pais Bicho, — (Milau).

# O APETITE DA RAPOSA

POR LAURA CHAVES



UMA raposa matreira, que era esperta como um rato, caprichosa, lambareira, e dona de bom olfacto, tinha um desejo na vida: certa galinha do cura, que era gorda e bem provida duma carne branca e dura.

Começou a emagrecer e a regeitar a comida... 'Té já falava em morrer, que aquilo não era vida... E dizia ao seu consorte a gemer, numa tremura: — «Se não quere a minha morte, dê-me a galinha do cura.»

Vendo-a já quási na espinha, o pobre senhor raposo arranjou à rapozinha um manjar apetitoso... Bela perna de cabrito com bocados de fressura...

que ela acolheu neste grito: — «Quero a galinha do cura!»

Nada, já nada a alegrava, sempre na mesma tristura... e baixinho suspirava: — «Quero a galinha do cura.»



O raposo, apoquentado, não podendo consolá-la, disse-lhe, um dia, escamado: — «Pois bem, filha, vou roubá-la!»

Desandou, pé-ante-pé, 'té chegar ao galinheiro, sem que ninguém desse fé... A galinha, no poleiro, nem teve tempo, coitada, de chamar o galo, o esposo, pois foi, num pronto, agarrada pelo maldito raposo.

Pôs-se a gritar: — «Cócarea!» enquanto o bicho a levava, mas, depois, que grande seca, o caseiro, que ali estava, numa espingarda pegou e atirou sobre o ladrão que uma chumbada apanhou mesmo junto ao coração.

Mas não largou a galinha... Aos poucos, perdendo a vida, Lá levou a rapozinha a tal franga apetecida; e bem caro a fantasia por tal sinal lhe custou... Comeu a pinta num dia e no outro... enviuvou.

É verdade e bem sentida o que a fábula assegura: quantos gozos há na vida que acabam numa amargura!

## OS NOSSOS CONCURSOS

### ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

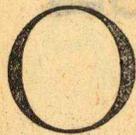
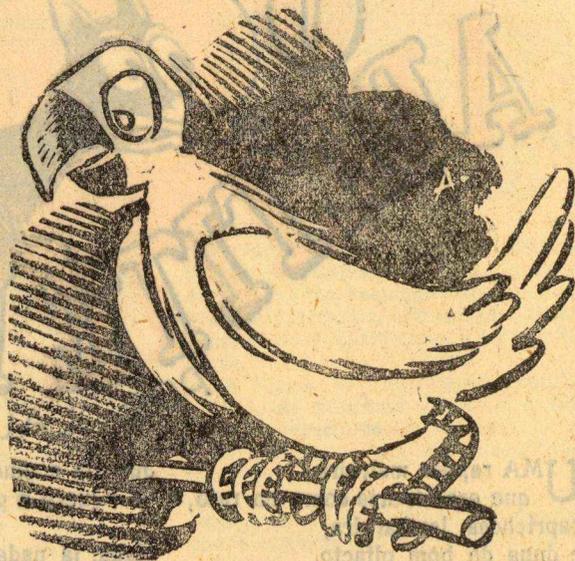
As mestras, artistas calmas,  
Escultoras de talento,  
Nos alabastros das al...  
Esculpem com sentim...!

Todos quantos lhes devemos  
Do carácter melhor ouro,  
Com estima lhe paga...  
Tão sublimado tes...



# QUEM MUITO FALA...

Por MARIA ADELAIDE PAIS BICHO — (MILAU)



senhor Zacarias, pai do Joanico, tinha adquirido, por bom preço, um bonito papagaio — «excelente, maravilhoso!» — segundo proclamava o comprador.

Efectivamente, o bicho animava a casa: falava, como se costuma dizer, «pelos cotovelos». Por tudo e por nada disparava um discurso interminável.

Outras vezes, repetia a mesma palavra impertinentemente. Só fechava o bico quando lhe diziam: — «Que maçador!»

Um dia, o padrinho do Joanico resolveu visitá-los e preveniu o senhor Zacarias do dia que lhes dedicava. Foi um reboliço na casa. Tudo se preparou para aquela visita de tanta cerimónia.

Chegou o senhor Reis — (assim se chamava ele) — e os donos da casa desfaziavam-se em mesuras para o compadre, e tudo eram festas e mimos para o afilhado. Enfim, sentaram-se à mesa, mas ninguém se lembrou de que

o «loiro» tinha o seu posto na casa de jantar.

Ora sucedeu que, ou porque embirrasse com a voz do sr. Reis, ou porque na azáfama do dia anterior muitas vezes respondessem à sua tagarelice: — «Que maçador!» — o papagaio, a tudo o que dizia o senhor compadre, observava: — «Que maçador!»

O pobre homem, por fim, não podia abrir a boca que se não ouvisse o endemoninhado animal lançando-lhe o seu estribilho favorito,

Mal se levantaram da mesa, o padrinho de Joanico, sem mais festas ao afilhado, despediu-se atabalhoadamente e... pernas para que vos quero?!... Não fosse o papagaio gritar-lhe da janela: — «Que maçador!»

Aqui têm os meus amiguinhos como uma visita, a quem os donos da casa se propunham obsequiar o melhor possível, foi, afinal, recebida... como vêem; e tudo por causa dum papagaio falador.

Cuidado, muito cuidado! Antes de falarem, pensem duas vezes.

Lembrem-se de que... *Quem muito fala, pouco acerta.*

## SEIS POLÍCIAS DE PALMO E MEIO

(Continuado da página 3)

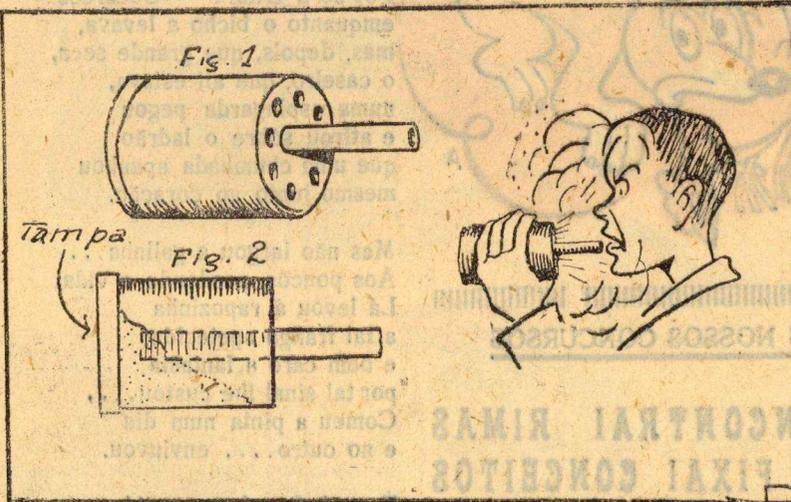
agora já sem saco, que largara para correr mais, mas os rapazes trocavam-lhe as voltas, arremessavam-lhe pedras e paus, atrapalhando-lhe os movimentos.

— «Atira o laço, António Dionísio, atira-lhe agora o laço.» — gritavam os companheiros deste, que era hábil nestas proezas e que, como se combinara, tinha levado uma corda.

E o Dionísio arremessou, com tal mestria, o laço que o gatuno ficou preso pelo pescoço. Tentou desembaraçar-se, mas não teve tempo, porque os nossos heróis saltaram-lhe logo em cima e, já auxiliados pelas mães, que acudiram prontamente ao alarido, prenderam-no, amarraram-lhe os braços e conduziram-no à esquadra.

O comissário da Polícia, depois de informado do que se passara, louvou a coragem dos seis rapazinhos e meteu o gatuno no calabouço.

E assim, graças à valentia daqueles seis «polícias de palmo e meio», o seu bairro voltou a ser o verdadeiro bairro da Bonança.



## UMA PARTIDA CARNAVALESCA

... de grande efeito, como ides ver.

Construam um cilindro de cartão ou aproveitem mesmo uma caixa e abram-lhe no fundo uma porção de buracinhos, como vêem na fig. 1. Mais um tubo comprido, mesmo de papel, através do qual entra, pelo fundo da caixa, alguma farinha e nada

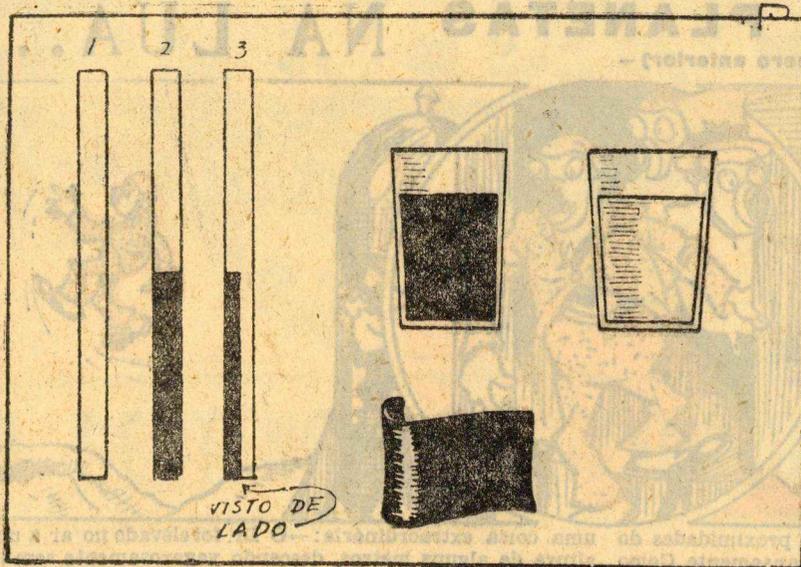
mais é preciso para a grande partida.

Armem tudo como está na fig. 2 e apresentem aos vossos amigos, como sendo um instrumento musical de novo género.

Estes, vendo o tubo por onde supõem que sairá o som, assopram-lhe e... levam com uma porção de farinha na cara.

Fim

UMA SORTE DE PRESTIDIGITAÇÃO ANEDOTAS



«Meus senhores :

Como vêdes, este copo está cheio de tinta preta. Para provar e não enganar, vou mergulhar este tubo de papel branco dentro da tinta.

Pronto!

Saiu preto.

Pois eu vou transformar esta tinta preta em água. Ponho sobre o copo um lenço, digo umas frases cabalísticas que me ensinou um «fakir», natural de Freixo-de-Espada-à-Cinta, tiro outra vez o lenço...

Ah!... Eh!... Ih!... Oh!... Uh!... Transformou-se em água!»

Vou ensinar, agora, aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum» este truque. A tinta, é um pano preto que envolve interiormente o copo e que quando se levanta o lenço, vem agarrado a este, segurando-o no polegar e indicador. Quanto ao tubo de papel (1, 2 e 3) é pintado de preto, mas só metade.

Mostra-se a parte branca aos espectadores e, quando se mergulha no copo, dá-se-lhe meia volta imperceptivelmente e, como é natural, sai preto.

— «Tenho, agora, que estudar seis horas por dia!» — exclamou, desconsoladamente, para uma amiga, a Mariuzinha.

— «Porquê?»

— «Porque o papá e a mamã anti-patisam muito com os nossos vizinhos novos.»

— «O tempo foge!... Naturalmente a minha visita tem sido muito comprida?»

— «De maneira alguma. Creia, não tem sido comprida. Tem parecido, com certeza; mas não tem sido.»

— «Não tens vergonha — diz o professor — de estares, na tua idade, numa classe onde todos os teus companheiros são muito mais pequenos do que tu?»

— «Eu, não, senhor Professor. Os meus companheiros é que se devem sentir orgulhosos por estarem na classe de um discípulo, como eu, muito mais velho do que eles.»

— «Diga-me cá : o capitão Alves foi feliz nas caçadas aos tigres, que diz ter feito, enquanto esteve na Índia?»

— «Felicíssimo!»

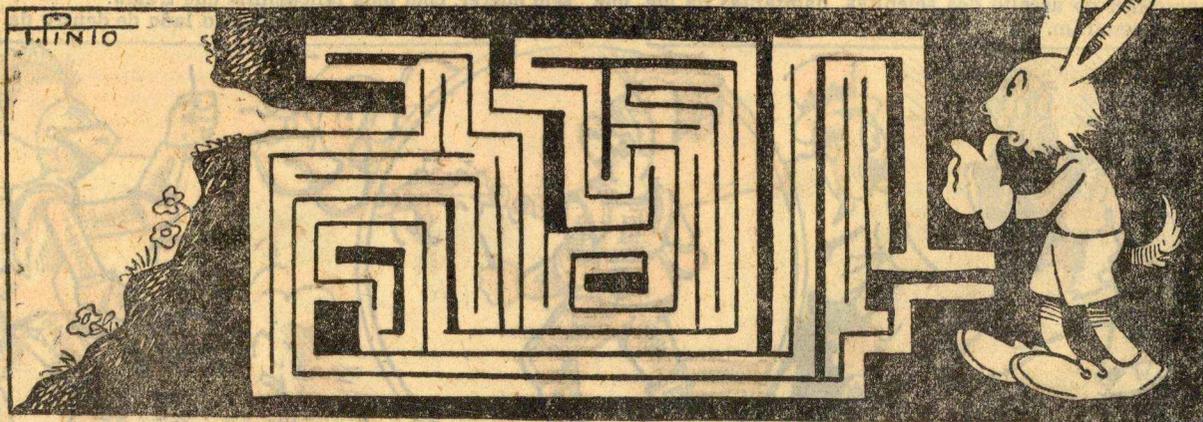
— «Gosto de saber isso. Conte-me, então, o que lhe sucedeu.»

— «Nunca encontrou um tigre!»

Francisco: — «Meu irmão é perdulário; não sabe guardar nem um tostão.»

Alberto: — «Pois olha : ele tem lá cem escudos meus, há mais de um ano, e ainda não m'os restituiu.»

LABIRINTO



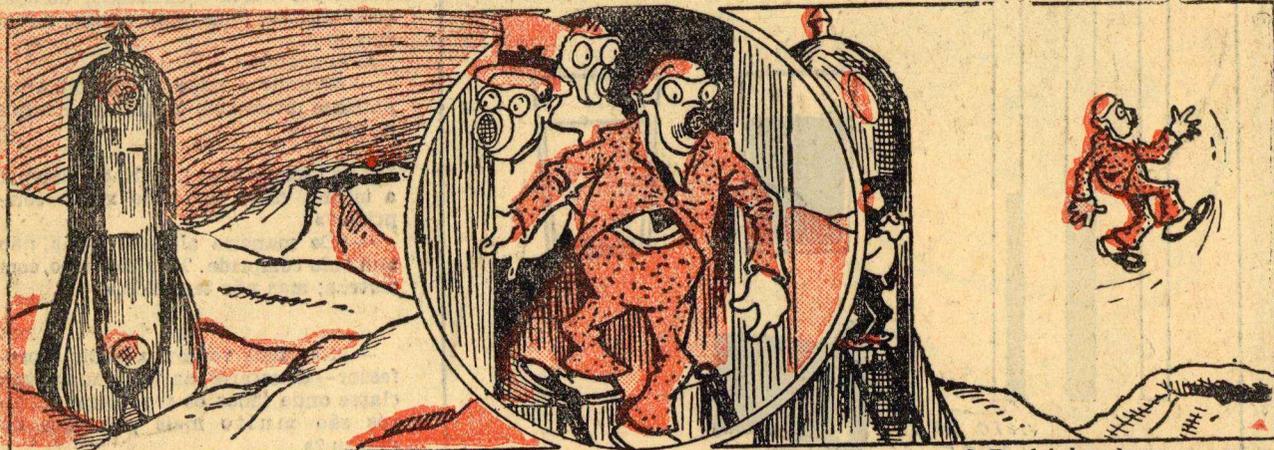
Mas que grande entalação!  
Então eu não me perdi?!...  
Que fazer nesta aflicção?...  
Ah, já sei, recorro a ti,

leitor de bom coração...  
Dá-me ajuda, dá conselho,  
que terás a gratidão  
do teu amigo

Coelho.

# VIAGEM AOS PLANETAS NA LUA...

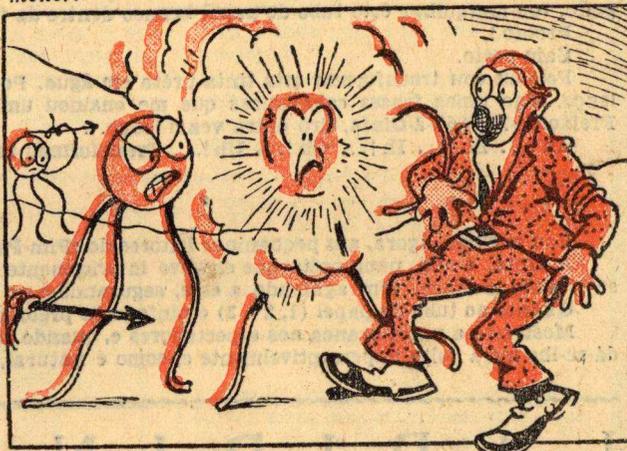
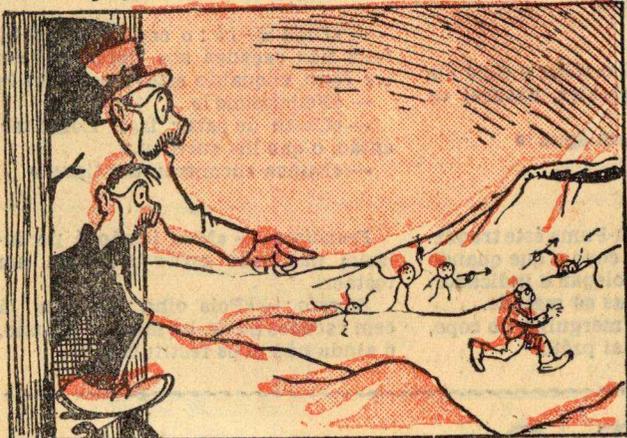
— (Continuado de número anterior) —



Dentro em pouco a bala chegara às proximidades do solo lunar e o Dr. Sabão fazia-a aterrar mansamente. Como a lua não é envolvida por atmosfera nem sequer possui águas correntes, os três amigos muniram-se de máscaras, sendo o sábio o primeiro a descer. Já no chão, pretendeu dar um pequeno salto para uma pedra mas sucedeu, então,

uma coisa extraordinária: — O Dr. foi elevado no ar a uma altura de alguns metros, descendo vagarosamente sem lhe suceder mal algum.

Havia-se esquecido de que o referido satélite é 49 vezes mais pequeno que a Terra e, por isso, a sua atracção é menor.



Entusiasmado com a leveza do seu corpo, o sábio foi-se afastando da bala a grandes saltos e só muito tarde se apercebeu do assalto dos selenitas, habitantes da lua, que o aprisionaram.

De repente, um dos selenitas explodiu como se se tratasse de um balão cheio de vento, devido a um outro o ter picado, sem querer, com uma lançazinha que trazia.

Esta cena foi presenciada pelo lado de dentro da bala



pelos dois amigos «Papa-Tudo» e «Passa-Fome» e sugeriu ao primeiro a forma de salvar o Dr.

Foi ao armário onde tinham arrumado a sucata que não tinha servido e tirou de lá uma velha armadura, cheia de remendos, que vestiu, e assim se dirigiu ao encontro dos selenitas, armado apenas de dois alfinetes, com os quais

conseguiu, no local do combate, fazer uma verdadeira hecatombe.

Os habitantes da Lua rebentavam que pareciam bombas do S. João e de nada lhes serviam as lanças contra a armadura.

Conseguirá, todavia «Papa-Tudo» salvar o Dr.? (Continua)